

### O sorriso dos professores

Nilda Alves<sup>1</sup>



Um dos fotógrafos brasileiros mais preocupados com as lutas populares é Sebastião Salgado. No Brasil, ele publicou, com palavras de Cristóvam Buarque, político brasileiro e ex-Ministro da Educação, no primeiro governo Lula, um álbum chamado "O berço da desigualdade". As fotografias são de escolas em todo o mundo e trazem a nós os limites materiais das escolas dos pobres com uma força que só, talvez, as imagens em P&B permitam. Trazem, também, tanto a importância que se dá, em todos os lugares, a essa instituição, não só para crianças – meninos e meninas –, mas para os jovens e os adultos – como a que próprio fotógrafo nela percebe e nos indica com as fotografias feitas e escolhidas para esse álbum.

Nos países mais pobres - dos campos de refugiados palestinos à escola no fundo da selva da Indonésia; de uma prisão na Coreia do Sul para as famílias refugiadas da Coreia do Norte a escolas do Movimento dos Sem-

---

<sup>1</sup> Coordenadora do projeto Redes Educativas, Currículos Locais e Imagens.

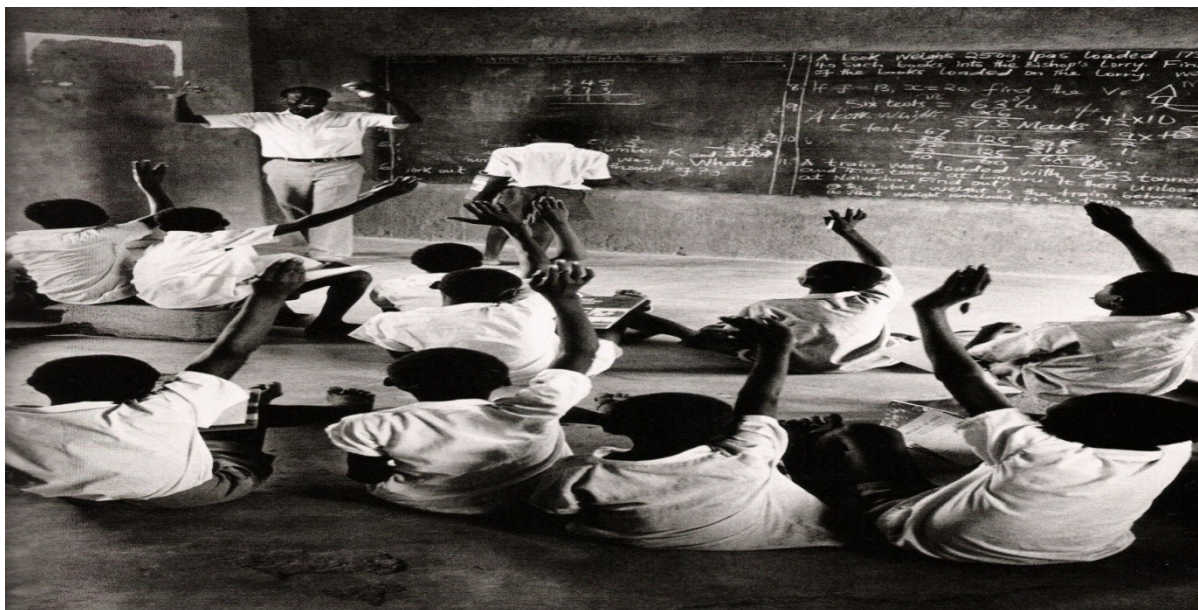
terra no Brasil – Salgado fotografa os alunos e alunas com um material escolar mínimo: um caderno com poucas folhas, um lápis, raros livros, quadro-negro e giz...

Em várias delas, aparece, na cena fotografada, o professor/a professora que atende àqueles alunos. Delas, escolhi duas nas quais aparecem professores homens – existem também de professoras. Convido para que busquem ver o álbum e possam ver a miséria e a grandeza desses trabalhadores da educação.

Mas o que é bom ver nessas fotografias com professores e professoras é a animação que transmitem e a relação que mantêm com a classe. Em uma, grandes braços abertos convidam a uma resposta sobre uma borboleta desenhada no quadro-negro e para dá-la braços se levantam entusiasmados. Na outra, um sorriso sedutor e braços erguidos para o céu convidam, também, para uma resposta que outros braços ao ar querem dar, mostrando que a lição foi bem aprendida. A primeira foi feita no Líbano em uma escola para crianças palestinas refugiadas (p. 102-103), a segunda em uma escola no Quênia na região do lago Turcana (p. 166-167).

Trabalhando em regiões pobres, dentro de conflitos muitas vezes violentos, em duras condições sempre, professoras e professores parecem ter a certeza de que as crianças têm direito à escola e à alegria de saber. Nessa situação, eles estão com elas, trabalhando e fazendo com que sejam melhores, talvez. Juntos, pensando – quem sabe? – que um mundo melhor é possível...

Mais do que uma terrível imagem de muitos mortos dentro de uma escola, em Ruanda (p.126-127) que é possível ver em uma das fotografias do álbum, estas imagens chamaram minha atenção porque vi nelas possibilidades de respostas a questões que, hoje, todos nos colocamos nas escolas, sobre nossas ações como professores.



Ao contrário disto – quem sabe? – tomei conhecimento na França, há algum tempo, com um professor do ensino médio, do site que organiza ([www.aideauxprofs.org](http://www.aideauxprofs.org)) para ajudar professores a encontrarem uma outra profissão, deixando para atrás uma que eles não querem mais, que não suportam mais...

Todos pertencem a um mesmo mundo? A força e o sorriso dos professores fotografados mostram que, em circunstâncias difíceis, trabalham com entusiasmo e fazem trabalhar seus alunos. Por que na França – e na Europa toda sentimos isto, de certa maneira – os professores estão abrindo mão de ser professores? Não agüentam mais? Em que momento e por que isto se deu?

Nos trabalhos que desenvolvemos no Brasil com professores e professoras atuando na escola básica, sentimos que estão cansados com o profundo desprezo que as autoridades parecem ter por eles quando “encomendam” estudos de diferentes ordens para mostrar: 1) que aumento salarial não faz aumentar a qualidade do ensino – ao ver estes estudos que são mais ‘declarações’ do que outra coisa, sempre me pergunto curiosamente: o que faria, então? 2) que os professores não sabem e não querem usar as tantas tecnologias que colocam à disposição na escola para “facilitar” o trabalho deles – nesse caso, verifico, com frequência que, nestes tempos de wi-fi na orla de Copacabana (sim! Quem vai à praia já pode usar internet), as escolas na cidade do Rio de Janeiro, em sua grande maioria,

têm um só ponto de internet, localizado na sala da diretora para contatos com a Secretaria de Educação com que a escola se relaciona.

Mas em meio a essas tantas dúvidas e incoerências, confesso que amo ver o sorriso dos professores e das professoras nas fotografias de Sebastião Salgado.

### **REFERÊNCIAS:**

- SALGADO, Sebastião e BUARQUE, Cristovam. O berço da desigualdade. Brasília: UNESCO, 2005.
- Este artigo saiu na revista A Página da Educação, em Portugal, número de outono